

A edição de diários íntimos e o caso de Anne Frank¹

Andréia Moroni²

Universidade Autônoma de Barcelona

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo investigar o processo de edição de diários íntimos, evidenciando o papel que o editor pode desempenhar ao dar aos textos sua forma final. Para isso, conceitua primeiramente este gênero literário a partir das visões de Pierre Lejeune e Maurice Blanchot. Em seguida, analisa a variedade de títulos disponíveis no mercado para verificar qual a motivação para se publicar diários íntimos. Em seguida, estuda o caso da edição dos diários de Anne Frank, revelando as intervenções feitas em cada uma das edições e propõe uma abordagem do diário publicado antes de mais nada como livro, mostrando o quanto este se diferencia dos diários originais.

Palavras-chave

Editoração; edição; diários íntimos.

1. Introdução

Em 2003, ano de início deste trabalho, tratando de delimitar nosso objeto de estudo, nos chamou a atenção fato de que os gêneros confessionais ou autobiográficos como memórias, cartas ou diários íntimos apresentam características próprias, relevantes para processo de edição: aparentemente trata-se de material que não foi escrito com a intenção de ser publicado, o que implicaria em “adaptá-lo” ou editá-lo para este fim. Este estudo, focado no processo de edição de diários íntimos, pretende demonstrar o quanto um diário publicado se distancia dos textos originais, revelando, no caso de edições póstumas como as do diário de Anne Frank, o papel desempenhado pelos editores.

Ao mesmo tempo também se pretende apontar os mecanismos e características próprios da edição de gêneros confessionais, particularmente dos diários íntimos, uma

¹ Trabalho apresentado ao NP 01 – Teorias da Comunicação, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

² Bacharel em comunicação social com habilitação em editoração pela ECA/USP, é atualmente aluna de doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade Autônoma de Barcelona, com o apoio do Programa Alban, Programa de bolsas de alto nível da União Européia para América Latina, bolsa nº E04D040925BR. *Email:* andreiamoroni@yahoo.com

vez que este processo implica resoluções não presentes no processo de edição de outros gêneros. De maneira diferente da ficção, quando se edita um diário parte-se do pressuposto de que as pessoas ali retratadas – o diarista inclusive – não são apenas personagens, mas realmente existem ou existiram. Com isso, corre-se o risco de violar a esfera de intimidade de quem o escreveu e de quem nele está retratado, o que parece ser o cerne das decisões envolvidas em seu processo de edição, tornando-o característico.

Antes, entretanto, é necessário definir o que são diários íntimos e quais as motivações para sua publicação no contexto de uma indústria cultural. É o que apresentaremos a seguir.

2. Diários íntimos: conceituação do gênero

O que seriam os diários íntimos? Ao analisar os títulos de livros que contêm a palavra “diário” com o sentido de “diário íntimo”, é possível perceber que tais obras são com frequência memórias, narrativas, romances ou outros gêneros de texto e não apresentam o menor traço das anotações feitas dia após dia, geralmente datadas e em tom confessional, que caracterizam o diário íntimo. É o caso de *O diário de um mago*, de Paulo Coelho (Rocco, 1987), ou do *Diário de um detento*, de Jocenir (Labortexto, 2001) que, portanto, não constituem os diários estudados. Tampouco são considerados diários íntimos as obras que, apesar de formalmente aparentarem ser diários, na realidade se tratam de ficção, como *O diário da princesa*, de Meg Cabot (Record, 2002) ou *O diário de Bridget Jones* (Record, 1998). Chega-se, assim, a uma delimitação daquilo que se passou a pesquisar: livros cujos conteúdos se apresentam com aspectos formais de um diário íntimo, não-ficcionais, o que significa que dão voz não a um personagem, mas a pessoas que registraram, daquela maneira, através do filtro de sua subjetividade, acontecimentos de sua vida.

Em vista disso, é importante ressaltar dois aspectos fundamentais que caracterizam um diário como tal: a questão temporal e o pacto de sinceridade estabelecido pelo diarista.

3. A questão temporal

Para Maurice Blanchot (1971), o diário pode apresentar grande liberdade de formas, já que pode conter “pensamentos, sonhos, ficções, comentários sobre si mesmo, acontecimentos importantes, insignificantes, tudo lhe é conveniente, dentro

da ordem e desordem que quer o autor, de modo que parece conter vários gêneros dentro de si”. No entanto, há um aspecto aparentemente pouco importante, porém a ser temido pelo diarista: deve-se respeitar o calendário. Michele Senay (1997) também é da mesma opinião: “um diário se escreve com o passar do tempo; é muito diferente de todas as autobiografias, memórias e outros parentes próximos do gênero”.

A identidade do diário está, desse modo, na temporalidade de sua escrita. Toda a liberdade de formas e conteúdos que pode assumir um diário – sonhos, trechos ficcionais ou lembranças do passado – deve obedecer esse passar do tempo para que o continue sendo, o que não significa serem obrigatórias as entradas datadas dos registros.

Esta imposição temporal não está presente em obras ficcionais que apresentam os aspectos formais de um diário íntimo, nem em outros gêneros autobiográficos – salvo, talvez, na correspondência. Philippe Lejeune (1998) ilustra bem a diferença entre a autocensura nos gêneros escritos para que outrem os leia – como a autobiografia e as memórias – e o diário: “Expressar-se com a maior liberdade possível, mas não publicar. Isso se chama diário íntimo”. Já a correspondência, apesar de tão datada e embebida das delimitações impostas pelo cotidiano quanto o diário, apresenta uma diferença crucial em relação a ele: as cartas possuem um interlocutor explicitamente definido, ao passo que o diário pertence ao diarista, sendo ele, a princípio, seu próprio interlocutor.

De acordo com o que coloca Senay (1997) como as razões para se escrever um diário – lembrar-se, compreender-se, construir-se, narrar-se, descobrir-se –, fica evidente que o diarista escreve, antes de mais nada, para si próprio – hipótese confirmada através do estudo realizado por Lejeune em *Cher cahier* (1989): ao entrevistar diversas pessoas que mantinham um diário, descobriu que a maioria não pensa na publicação de seus textos, não os mostra a ninguém e muitos inclusive destroem ou pretendem destruir os cadernos onde escrevem seus registros. Talvez porque, como coloca Blanchot (1971), ali “narra-se o que não se pode confidenciar. Narra-se aquilo que é real demais para não arruinar as condições da realidade comedida que é a nossa”. Viria daí um primeiro interesse do leitor em ler o diário íntimo publicado, para ter acesso à verdadeira identidade e pensamentos de alguém.

4. Veracidade e sinceridade

Quando se pensa em diários íntimos, frequentemente se tem a impressão de que tudo que está ali registrado o foi feito tal qual realmente o desenrolar dos fatos. No entanto, não se deve confundir a *sinceridade* do diarista com a *veracidade* do que está anotado. Como única versão de fatos transcritos a partir de um intenso filtro de subjetividade, não há meio de garantir que o que se lê não seja trecho ficcional. Na maior parte das vezes, o leitor do diário publicado não tem como verificar os fatos descritos – normalmente cotidianos, até insignificantes – e acaba aceitando que tudo o registrado ali aconteceu tal qual se conta.

Esta possível falta de veracidade no registro dos fatos, no entanto, não necessariamente invalida o pacto de sinceridade que o diarista deve estabelecer para escrever. Ele pode, conscientemente, relatar eventos não ocorridos ou idealizar o que se passou, sem que para quem lê o registro isto possa se distinguir dos acontecimentos presumidamente reais; o diarista pode descrever seus sonhos, seus anseios, ser irônico, compor um poema sem deixar de ser sincero para consigo mesmo, isto é, sem deixar de revelar seu pensar e seu sentir tão genuinamente quanto lhe aprouver – ainda que por vezes isso implique em querer dissimular.

Sendo assim, o outro aspecto que faz de um diário um diário, além de sua temporalidade, é o pacto de sinceridade que presumivelmente assume o diarista em relação a seus estados de ânimo – bastante diferente de um suposto pacto de veracidade que não necessariamente existe. Considerando estas duas características como fundamentais para um diário íntimo, investigaremos a seguir algumas das motivações para a publicação de textos com esses atributos.

5. Algumas justificativas para a publicação de diários íntimos

Não é o objetivo deste estudo discutir ou analisar a qualidade literária de diários que vieram a ser publicados. Porém, é importante ressaltar que, diferentemente de outros gêneros – romance ou ensaio, por exemplo –, em que o conteúdo parece predominar no momento de se escolher um original para a publicação, no caso do diário o contexto em que a obra se insere parece ser mais relevante que a qualidade dos registros em si. Isso, no entanto, não significa que a qualidade de um diário publicado seja inferior à de outros livros. Significa apenas que, como o romance, por exemplo, o gênero engloba obras boas e ruins. Dessa forma, a seleção de originais parece ser influenciada por duas categorias nas quais podem ser divididos os autores de diários: os famosos e os desconhecidos.

Em geral, obras não-ficcionais que retratem alguém assediado pela mídia, como biografias, memórias, livros de fotos, revistas, jornais e também diários íntimos, são bastante procuradas pelo público, o que parece justificar sua publicação. Aqui, entre as “pessoas famosas”, é possível estabelecer dois grupos: celebridades instantâneas e pessoas que se tornaram referência em sua área.

Cada vez mais os meios de comunicação voltam suas atenções para personalidades em busca de notícias que possam ser transmitidas. Nessa procura por repertório, acabam surgindo indivíduos capazes de atrair por uma razão ou outra a atenção do público. Várias dessas personalidades, assim que deixam de ser novidade, são substituídas por alguém mais interessante cuja imagem ainda não está desgastada e sobre quem ainda há muito de novo a contar. Essas celebridades instantâneas só existem para o público enquanto os holofotes pairam sobre elas; uma vez que o interesse diminui, podem simplesmente cair no esquecimento.

Quando um desses famosos decide lançar um diário, certamente o empreendimento é uma boa aposta comercial. Não importa a qualidade do que escreva, haverá um enorme público latente ávido por saber detalhes de sua intimidade, disposto a comprar a publicação como forma de continuar acompanhando o que é veiculado pela mídia. O próprio diarista é a divulgação do produto, aliado a algum acontecimento de repercussão na imprensa.

Na briga contra o tempo para aproveitar a fama e tornar o material publicável rapidamente, vale até contratar um jornalista para dar-lhe novo tratamento. Foi o que fez Mirella Zacanini, modelo e ex-namorada de Dinho, vocalista dos Mamonas Assassinas, grupo musical cujos integrantes morreram em acidente aéreo em 1996. Para reescrever seus diários e transformá-los em *Pitchulinha – Minha vida com Dinho (até que os Mamonas nos separem)* (Bloch, 1996), ela contratou o jornalista Celso Araújo, que, segundo Pimenta (1996), realizou o trabalho em dez dias. O livro – um “romance autobiográfico” – vendeu 100 mil exemplares em quinze dias.

Idéia semelhante também teve Adriane Galisteu, ex-namorada do piloto de Fórmula 1 Ayrton Senna, falecido em 1994. Ela também decidiu lançar *O Caminho das Borboletas – Meus 405 dias com Ayrton*, obra que escreveu baseada em seus diários. Rodrigo Cardoso (1999) relata em matéria para *Isto É Gente* que o livro, publicado pela editora Caras, do grupo Abril, vendeu 270 mil exemplares e rendeu à autora, na época, R\$ 270 mil.

Embora estes dois exemplos não constituam formalmente diários, são livros que se originaram a partir de um diário íntimo. Além disso, evidenciam o nicho que o gênero pode explorar. A alta vendagem justifica o empreendimento.

Há, no entanto, um outro critério que pode ajudar na seleção de originais: o de o diário ter por autor artistas, políticos, intelectuais etc. que passaram a ser referência em sua área de atuação, de modo que existe interesse permanente em torno deles – o que pode ir muito além da transitoriedade de sua existência. Nesses casos, não há urgência na publicação do diário, e o próprio autor pode interferir em seu prazo de publicação, determinando, por exemplo, que ocorra 50 anos após seu falecimento – isso quando decide abertamente que os textos devem ser publicados postumamente. Aqui podem ser incluídos os diários de Sylvia Plath – e de Frida Kahlo, de Ana Cristina Cesar, de Bertold Brecht, entre outros. Pode ser que os diários publicados não sejam um enorme sucesso de vendas como os livros de Adriane Galisteu ou Mirella Zacanini. Em compensação, terão vendagem constante e longevidade muito maior, continuando a despertar o interesse de leitores muito tempo após terem sido lançados. Todo esse panorama parece oferecer algumas justificativas para sua publicação.

Talvez o interesse que a intimidade de pessoas famosas desperte no leitor não seja difícil de compreender; afinal, quando alguém decide comprar seu diário, muito provavelmente já conhece o autor através de outra fonte e é o próprio interesse nele enquanto personalidade o motivo da aquisição do livro. Mas de onde viria o interesse em editar obras de desconhecidos?

Não é qualquer diarista, ainda que tenha mérito literário, que pode sonhar com a publicação de seus registros, sobretudo se não integrar o rol dos famosos. No caso de um diário que não seja de pessoa célebre, o interesse por sua publicação está sobretudo no contexto em que o diarista se insere – o mesmo que se verá reproduzido nos escritos: a obra deverá retratar um momento histórico ou uma situação social pela qual se tem interesse, sendo que no segundo caso o próprio diarista pode ser tipificado e mesmo passar a ser visto como estereótipo.

Exemplificando: o diário de um desconhecido que retrata sua existência absolutamente cotidiana e semelhante à de tantas pessoas com que convive – caso da maioria dos diários existentes – provavelmente não despertará interesse algum. No entanto, se houver um distanciamento histórico suficiente para que a sociedade e o modo de vida cotidiano que registrou não mais existam e tornem-se característicos daquele período e daquela região, virá justamente dessa forma habilidosa de registrar

o dia-a-dia de uma sociedade antiga o interesse em publicá-lo. Tudo depende do contexto que o envolve: a intenção de publicá-lo em sua própria época não terá propósito; mas cem anos depois o diário talvez tenha se tornado interessantíssimo. É isso o que parece acontecer com *Une jeune fille mal dans son siècle* (diário de Amélie Weiler editado por Nicolas Stoskopf) e *Minha vida de menina* (de Helena Morley), por exemplo. A respeito de Anne Frank, pode-se acrescentar que talvez seja por esse distanciamento histórico que seu diário continue a despertar tanto interesse. Isso, no entanto, não serve de justificativa para sua publicação, posto que a primeira edição foi lançada em 1947.

Nesse caso, outra possibilidade para um diário despertar interesse histórico é ele relatar um evento definido que não pode ser ignorado pela sociedade, em situações que ocupam período relativamente curto de tempo e que, por serem extremas, poucos vivenciaram. Aqui se insere não só *O diário de Anne Frank*, o qual documenta a Segunda Guerra Mundial, mas seria possível acrescentar também *O diário de Zlata*, que retrata a guerra na ex-Iugoslávia, em 1992, sob o olhar de uma garota de 11 anos. Ambos não tiveram que esperar grande distanciamento histórico para que ocorresse sua publicação: bastou a situação vivenciada pelas jovens se encerrar para haver o interesse em compreendê-la melhor já como fato histórico. Novamente, o interesse em sua publicação provém de um contexto: não são Anne ou Zlata que num primeiro momento tornam o diário interessante – como aconteceria com um artista ou uma celebridade –, mas sim o que vivenciaram e registraram.

Sendo assim, já temos justificativas para a publicação dos diários de Anne Frank. No entanto, é possível perguntar-se ainda de onde viria o interesse em publicar diários que não têm como pano de fundo uma época ou acontecimento histórico bem definidos e retratam, ao contrário, a própria sociedade em que vivem os leitores. No caso da publicação de diários de autores desconhecidos que tragam registros recentes também é necessário haver algo que os distinga dos muitos outros diários mantidos individualmente por tantos leitores. Aqui, o interesse na publicação está no autor não como indivíduo, mas como representante de uma situação social que se tem interesse em compreender melhor ou mesmo solucionar. Como exemplo, pode-se citar *Diary of an Anorexic Girl*, lançado nos EUA. Há também a obra *L'herbe bleue: journal d'une jeune fille de 15 ans*, diário de uma jovem drogada, publicado na França por autor anônimo. No Brasil, é possível encontrar a edição portuguesa *Diário de um esquimó*, a obra *Diário de um resistente* e também *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*,

de Carolina Maria de Jesus. Em todas elas, o próprio título já deixa evidente o assunto a ser explorado. Representam um tipo ou uma realidade social e é isso – e não seu autor enquanto indivíduo – que confere interesse à obra.

6. O processo de edição dos diários de Anne Frank

Depois de analisar as motivações que podem existir para que o texto privado e pessoal de Anne viesse a ser publicado, contaremos aqui a história do trabalho editorial que acompanhou as diversas edições.

Anne começou a escrever seu diário – uma série de cadernos e páginas soltas – em forma de cartas dirigidas a uma amiga imaginária em 12 de junho de 1942, depois de ter ganhado como presente por seu 13º aniversário um caderno com capa de tecido xadrez vermelho e verde. Um mês depois, sua família foi viver no esconderijo que ela tão bem descreve. Em seis meses, o primeiro caderno estava completo e ela passou para um segundo, que se perdeu, e em seguida para mais dois. Estes registros, feitos conforme os dias transcorreram e em sua primeira versão, são conhecidos como a versão “A” e a última anotação data de 1º de agosto de 1944.

Segundo conta o artigo da publicação eletrônica *Revista Morashá* (1999): “Depois de ouvir um apelo pelo rádio, incitando os cidadãos a preservar qualquer documento contendo história e memória de guerra, Anne, em dois meses e meio, revisou fervorosamente seu diário, reescrevendo 324 páginas, talvez como base para um romance”.

A versão revisada por Anne, já considerando a possibilidade de publicação, é conhecida como a versão “B”. Ao mesmo em que reescrevia e passava a limpo as anotações que havia feito, corrigindo alguns parágrafos, eliminando outros e adicionando dados resgatados da memória, continuou a escrever seu diário original.

Em 4 de agosto do mesmo ano, o esconderijo foi descoberto e seus moradores, presos pelos nazistas. Anne ainda não havia completado sua revisão e morreu nos campos de concentração no ano seguinte. Miep Gies, uma das protetoras e amiga da família, guardou os cadernos sem lê-los e pretendia devolvê-los à jovem quando ela regressasse. Quando soube que Anne havia morrido, restituiu-os a seu pai, Otto Frank, que, encorajado por amigos, decidiu publicar uma versão da versão B com muitas modificações, na qual foram suprimidas passagens sobre a sexualidade da filha, as que traziam críticas à mãe ou ao relacionamento afetivo dos pais. Publicada na Holanda em 1947 pela primeira vez, com o título de *Het Achterhuis* e tiragem de

1.500 exemplares, esta tornou-se conhecida como a versão “C” e foi a que conferiu popularidade à obra e à história de Anne.

Nesta primeira etapa do processo de edição, a pessoa responsável por trabalhar os diários foi Otto Frank. Embora a garota tivesse manifestado a intenção de publicar um livro baseado em seus diários, quem de fato toma a iniciativa de publicá-los e faz as alterações cabíveis é seu pai. Muito apropriadamente, a introdução à edição ampliada dos diários, escrita em 1991 pela Anne Frank-fonds, diz que “Otto Frank decidiu levar a cabo o desejo de sua filha, publicando *um livro* baseado em seus apontamentos” [grifo meu] (Frank, 2001, p. 5). Justamente, esta é a transformação que se faz necessário notar: não se trata aqui dos diários originais, mas de *um livro*. Um livro que deveria se enquadrar em determinados parâmetros editoriais: a mesma introdução revela que, como o diário passaria a fazer parte de uma coleção, a editora impôs certas limitações a sua extensão.

Ou seja: a decisão de suprimir certas passagens não deve ser atribuída exclusivamente a Otto Frank. Certamente, foi ele quem decidiu quais passagens excluir, mas ele não foi o único a ver que se deveria publicar uma versão abreviada dos textos. O que se pretende demonstrar com essas observações é o quão diferentes podem ser os diários originais – cadernos e folhas anotadas de próprio punho – dos livros que deles se originam. Além das imposições que podem ser feitas pelas editoras, há algumas outras razões para que isso ocorra.

Em relação às passagens suprimidas por Otto Frank, a introdução ainda coloca que

[...] quando se publicou o livro em 1947, não se costumava tratar com tanta liberdade temas sexuais na literatura, menos ainda nos livros para jovens. Outro motivo importante pelo qual não se incluíram determinados parágrafos ou certas formulações é que Otto Frank queria respeitar a memória de sua mulher e dos outros integrantes escondidos no Anexo Secreto – Frank (2001, p. 6)

A questão é colocada aqui como uma decisão pessoal de Otto Frank. Poucos se lembram, porém, que costuma haver uma legislação sobre direitos da personalidade que garante aos indivíduos seu direito à honra e à intimidade, que varia de país para país e que pode determinar a seleção do que deve ser publicado e como, de modo que isso deixa de ser uma decisão pessoal do editor e transforma-se numa questão legal. Ao editar os diários de Anne, Otto manteve os pseudônimos dados pela filha a todas as pessoas mencionadas, exceto para sua família. Apesar de não termos conhecimento detalhado da legislação holandesa, sabemos, por exemplo, que para a edição

subseqüente editada por Mirjam Pressler foram escolhidas iniciais ao acaso para as pessoas que preferiram conservar seu anonimato. Desta forma, pode-se imaginar que as decisões tomadas por Otto Frank sobre a supressão de determinadas partes não se baseassem estritamente em questões pessoais, mas também que previssem evitar problemas legais. Foi com esta edição que o diário de Anne alcançou a popularidade de que goza hoje em todo o mundo.

Otto Frank, no entanto, não foi o único a editar os diários de Anne. Ao falecer, em 1980, deixou os escritos originais de sua filha aos cuidados do Instituto Holandês de Documentação de Guerra (RIOD). Em 1986, devido aos questionamentos surgidos sobre a autenticidade dos diários e acusações de plágio, o instituto lançou uma edição crítica comparando as versões A, B e C, que incluía material inédito, bem como os resultados de uma investigação que abordava, entre outros aspectos, a caligrafia de Anne e a trajetória da família. Nessa edição crítica, uma nota de rodapé no texto da versão A reconhecia, a pedido da família, a omissão de 47 linhas que apresentavam “um quadro bastante injusto do casamento de seus pais”.

Uma vez que esse material estava disponível, a Anne Frank-fonds, situada na Basileia, Suíça, herdeira universal de Otto Frank e também dos direitos autorais de Anne, decidiu publicar uma nova versão do diário, que esteve a cargo da escritora e tradutora alemã Mirjam Pressler. Ela utilizou como base a versão editada por Otto e lhe adicionou extratos tanto da primeira quanto da segunda versão de Anne. A edição de Mirjam, aprovada pela Fundação Anne Frank e publicada em 1991, ampliou em cerca de 25% o livro. É esta a edição que a editora Doubleday – agora parte da Random House, sediada em Nova York – lançou em 1995, numa jogada de *marketing*, como a “edição definitiva” do diário, para lembrar o 50º aniversário de morte de Anne Frank.

Com tantas versões de um mesmo texto, no entanto, é difícil tratar alguma delas de definitiva. Tão difícil quanto decidir qual a versão mais verdadeira ou melhor. Em primeiro lugar, a própria subjetividade do diarista impede que se tenha uma visão imparcial dos fatos, que, para as outras partes envolvidas, podem ter uma versão diferente. Pode-se alegar que a versão de Otto é a que mais se distancia dos originais e que a versão do RIOD seja mais fiel a esse material. A questão é que esta edição jamais chegaria a ser publicada se a versão editada por Otto não tivesse se difundido e alcançado tamanho sucesso, a ponto de despertar polêmicas sobre a veracidade do texto ali reproduzido.

E, se esta edição tão abrangente já existe, por que se faz necessário o trabalho de Mirjam Pressler? Ora, cada uma dessas edições cumpre propósitos diferentes, respeitando as circunstâncias que o momento oferecia para a publicação do material – circunstâncias às vezes ditadas mais por uma indústria editorial que restringe o número de páginas para adequar a obra a uma coleção, ou que vê um público especializado e ávido por informações capaz de consumir uma edição crítica bastante densa, ou a oportunidade comercial de relançar uma versão ampliada do livro com mais material inédito. A nota do tradutor Diego Puls à edição espanhola trabalhada por Pressler coloca que

[...] esta nova edição, autêntica e completa, oferece ao leitor a possibilidade de compenetrar-se mais a fundo com as idéias e os sentimentos de Anne Frank e de apreciar melhor o desenvolvimento de seus dotes de escritora.

Por último, remetemos os investigadores e demais interessados à mencionada edição anotada dos diários [a edição do RIOD], igualmente disponível em alemão, inglês, francês, italiano e japonês. (Frank, 2001, p. 298)

A polêmica em torno de Anne Frank, no entanto, não se encerrou com esta edição. Melissa Muller, autora que publicou uma biografia sobre a jovem em 1999, acabou por trazer à tona uma surpreendente revelação quando pesquisava mais informações sobre a mãe de Anne junto a Cornelius Sujik, amigo íntimo de Otto Frank. Após onze meses de convivência com Melissa, Cornelius entregou a ela mais cinco páginas inéditas de material que o próprio Otto lhe havia confiado antes de morrer, em 1980. Pelo que se há difundido do conteúdo destas páginas – de cor azul e salmão –, pode ser que se trate das 47 linhas omitidas da edição crítica, que discorriam sobre o casamento de Otto com a esposa.

Sendo assim, tudo indica que a “edição definitiva” e “completa” do diário de Anne Frank ainda pode vir a sofrer alterações caso o texto descoberto venha a ser incluído nas versões existentes do livro – o que depende de questões comerciais e de direitos autorais envolvendo o RIOD, que tem a custódia do material do diário e reivindica as páginas; o próprio Cornelius, diretor do Centro Anne Frank de Nova York, que exige o direito de lançar uma única publicação, de acordo com a lei suíça; e das editoras que detêm o direito de publicação da edição integral, que não pretendem pagar um adicional pelo novo material.

Além da multiplicidade de edições que podem surgir a partir de um interesse do público por conhecer melhor os originais ou o material inédito, quando um diário

íntimo publicado postumamente alcança popularidade podem surgir novas edições de acordo com o público que se pretende contemplar. Desta forma, assim como ocorre com os clássicos, talvez não haja para ele uma edição definitiva. Por enquanto, aqui termina a história da edição dos diários de Anne Frank.

7. Considerações finais

A partir do estudo do caso de Anne Frank é possível observar como as características específicas dos diários íntimos influem no seu processo de edição. O fato de o material não ter sido concebido para publicação e ser constituído de cadernos e folhas soltas manuscritas, onde terceiros são retratados de forma que pode danar sua imagem publicamente, são questões inerentes ao gênero e parecem nortear o trabalho do editor.

No caso de Anne Frank, cujos diários foram publicados postumamente, o editor em questão não é a diarista, mas seu pai. Na primeira etapa, suas intervenções não estão somente na transcrição e organização do material, mas também inclui a seleção dos trechos que serão publicados. Tal seleção se baseia em critérios editoriais objetivos, como o número de páginas que a obra deve ter para integrar uma determinada coleção ou o respeito a uma legislação vigente sobre os direitos da personalidade. Não são, portanto, como se pode pensar a princípio, decisões motivadas somente por um critério pessoal.

Assim, a primeira edição publicada, resultante do trabalho editorial de Otto Frank, é bastante distinta dos diários originais. Isso, no entanto, não impede que tenha sido bem-sucedida enquanto publicação: o livro foi traduzido em mais de 50 idiomas, adaptado para o cinema e o teatro. Sem o sucesso desta primeira edição, as questões sobre a autenticidade dos diários não teriam sido levantadas, de modo a criar um público especializado e ávido de informações sobre os textos originais e a pessoa que os escreveu. Sem esse panorama, a edição crítica e a ampliada, mais próximas dos originais, nunca chegariam a existir.

As diferenças entre essas edições revelam as múltiplas possibilidades de edição que um diário íntimo pode oferecer e refletem o trabalho de os editores que trabalharam os textos – cada um a sua maneira, com objetivos diferentes. E, justamente por cumprirem propósitos diferentes, não devem ser consideradas melhores ou piores umas das outras. O que elas têm em comum, no entanto, é serem um livro – e não os diários originais. Portanto, devem ser vistas como livro, que foi

submetido a um processo de edição, antes que como um diário. E se originalmente, no momento de ser escrito, um diário é desprovido de auto-censura, sua publicação prevê uma alteração importante do contexto em que ele se insere. No momento de apresentar os textos a um leitor, o interlocutor deixa de ser o próprio diarista e passam a haver outros filtros operantes: se não os do autor, como no caso de publicações póstumas, os dos editores, pelas razões já demonstradas. Estas diferenças, bem como o processo de edição em si, fazem do livro publicado algo bastante diferente dos diários íntimos originais.

Esta última observação é bastante relevante se for considerada a forma como público geral – e mesmo a crítica – efetivamente lê os diários íntimos que vêm a ser publicados: muitas vezes se toma o livro pelo original e parece haver uma frustração quando algo indica que o texto apresentado não é idêntico ao dos manuscritos, como se isso fizesse do livro algo *pior* que os originais. O livro não é *pior* que o diário original, apenas *não é* o diário. É algo novo, diferente: o diário é um exemplar único, a tiragem do livro é feita aos milhares; o diário às vezes é mantido em diversos cadernos e folhas soltas desorganizadas, o livro compila e organiza tudo em um único exemplar; o diário é geralmente manuscrito, o livro é impresso; os materiais são diferentes. Acrescentando-se a isso, vale retomar que, pela conceituação de gênero apresentada, o pacto de sinceridade estabelecido pelo diarista não necessariamente corresponde à veracidade dos acontecimentos relatados. Um diário, portanto, não conta *a* verdade absoluta, mas uma verdade possível: a da subjetividade do diarista. Um livro, por todas as transformações que implica no diário original, não conta a mesma verdade que este diário, mas apresenta uma nova versão deste relato.

Para estudos futuros sugere-se, a fim de se aprofundar as questões aqui levantadas, o estudo de outros casos de diários íntimos transformados em livro – especificamente, a fim de traçar paralelos com o caso de Anne Frank, o estudo de diários editados postumamente, como os da escritora Sylvia Plath. Também seria interessante analisar o caso de diários editados e publicados no Brasil para observar como os editores brasileiros lidam com esses pontos na prática, bem como acompanhar o processo de edição de um diário íntimo dentro da editora e junto do editor. Outra possibilidade interessante seria traçar paralelos entre os processos de edição dos diários e de outros gêneros confessionais, como a correspondência ou as memórias. Tais pesquisas seriam de grande utilidade para os profissionais e estudiosos de editoração, uma vez

que o trabalho de edição de textos é pouco sistematizado – e têm, certamente, muito a acrescentar.

Referências bibliográficas

BLANCHOT, Maurice. “VIII - Le journal intime et le récit”. In: **Le livre à venir**. Gallimard, 1971. p. 271-279.

EULÁLIO, Alexandre. “Livro que Nasceu Clássico”. In: MORLEY, Helena. **Minha vida de menina**. São Paulo : Companhia das Letras, 1999, p. 7-12.

FRANK, Anne e FRANK, Otto. **O diário de Anne Frank**. Rio de Janeiro : Record, 2004. 19ª edição

_____. **Diário**. Barcelona : Nuevas Ediciones de Bolsillo, 2003. 3ª ed.

_____. **Diari**. Barcelona : Editorial Seleta, 1973. 4ª ed.

IDT, Geneviève; LAUFER, Roger e MONTROFFE, Francis. **Literature et langages: Les genres et les thèmes**. Fernand Nathan Editeur, Paris, 1975.

LEJEUNE, Philippe. **Cher cahier: témoignages sur le journal personnel recueillis et présentés par Philippe Lejeune**. Gallimard, 1989.

_____. **Pour l'autobiographie**. Paris, Seuil, 1998.

MULLER, Melissa. **Anne Frank: a Biography**. Bloomsbury Publishing, 1999.

PIMENTA, Ângela. “Por empreitada”. **Veja**. São Paulo, p. 129-130, 3 de julho de 1996.

Diários e outras obras mencionadas

(ANÔNIMO). **L'herbe bleue: journal d'une jeune fille de 15 ans**. Paris : Pocket, 1991.

BRECHT, Bertold e RAMTHUN, Herta (Ed.). **Diários de Brecht: diários de 1920 a 1922; anotações autobiográficas de 1920 a 1954**. Porto Alegre : L&PM, 1995.

CABOT, Meg. **O diário da princesa**. Rio de Janeiro : Record, 2002.

CESAR, Ana Cristina. **Portsmouth, 30-6-80 – Colchester, 12-7-80**. São Paulo : Livraria Duas Cidades e Ptyx, 2003.

COELHO, Paulo. **O diário de um mago**, de Paulo Coelho. Rio de Janeiro : Rocco, 1987.

FIELDING, Helen. **O diário de Bridget Jones**. Rio de Janeiro : Record, 1998.

FILIPOVIC, Zlata. **O diário de Zlata**. São Paulo : Companhia das Letras, 1994.

FREDERIKSEN, Thomas. **Diário de um esquimó**. Lisboa : Livros Horizonte, 1982.

GALISTEU, Adriane. *O Caminho das Borboletas – Meus 405 dias com Ayrton*. São Paulo : Caras (s/d).

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. São Paulo : Livraria Francisco Alves, 1960. 2ª ed.

JOCENIR. *Diário de um detento*. São Paulo : Labortexto, 2001.

KAHLO, Frida. *El diario de Frida Kahlo – un íntimo autorretrato*. Nova York, La Vaca Independiente S. A. De C. V., 2001.

MENZIE, Morgan. *Diary of an Anorexic Girl*. Ashville : W. Publishing Group, 2003.

MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo : Companhia das Letras, 1999.

PLATH, Sylvia e KUKIL, Karen V. (Ed.). *The Journals of Sylvia Plath: 1950-1962*. Londres: Faber & Faber, 2000.

THEODORAKIS, Mikis. *Diário de um resistente*. (s.n.) : Europa-América, 1974.

WEILER, Amélie e STOSKOPF, Nicolas (Ed.). *Une jeune fille mal dans son siècle*. Strasbourg : La Nuée Bleue, 1994.

ZACANINI, Mirella. *Pitchulinha – Minha vida com Dinho (até que os Mamonas nos separem)*. Rio de Janeiro, Bloch, 1996.

Endereços eletrônicos

Mamonas Assassinas – História. Conta a trajetória da banda. Disponível em: <<http://www.geocities.com/afs4ever/mamonhis01.htm>>. Consultado em: 26 out 2003.

O diário de Anne Frank. Informações com fotos dos cadernos originais. Disponível em: <http://geocities.yahoo.com.br/anne_frank_brazil/diario.html>. Acesso em: 15 out 2003

“O diário de Anne Frank”. *Revista Morashá*, n.23, 1999. Publicação eletrônica voltada para a comunidade judaica. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/conteudo/ed_antteriores/ed23/diario.htm>. Acesso em: 15 out 2003.

CARDOSO, Rodrigo. “A maior aposta de Adriane Galisteu”. Site da revista *Isto É Gente*, 22/11/1999. Extraído em 26/10/2003 de <http://www.terra.com.br/istoegente/16/reportagens/rep_galisteu.htm>

GARCÍA MARTÍN, José Luis García. *Notas sobre el diario íntimo*. Oviedo, 1997. Disponível em: <<http://www.araz.net/peixe/martindia.htm>>. Acesso em: 10 ago 2003.

OLIVEIRA, Ângela; DUARTE, Sara. “Gente: Show lotado”. *Isto É Gente*, Nota sobre Adriane Galisteu (Isto É Gente) <<http://www.terra.com.br/istoe/1638/1638gente.htm>> (extraída em 26/10/2003)

SENAY, Michèle. *L’Intimiste*. Site dedicado aos diários íntimos. O conteúdo foi elaborado em 1997 e o site colocado no ar em 2000. Disponível em: <www.colba.net/~micheles>. Mantido por Michèle Senay>. Acesso em: 10 ago 2003.